



MOISÉS LINO E SILVA
GUILLERMO VEGA SANABRIA
ORGANIZADORES

Glossário de (des)identidades sexuais



EDUFBA

2023, autores.

Direitos para esta edição cedidos à Edufba.

Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Analista editorial

Mariana Rios

Coordenação gráfica

Edson Nascimento Sales

Coordenação de produção

Gabriela Nascimento

Capa e projeto gráfico

Gabriel Cayres

Revisão e normalização

Aline Silva Santos e Bianca Rodrigues de Oliveira

Imagem de capa

João Guilherme Bertholini Massaro

Sistema Universitário de Bibliotecas – UFBA

G563 Glossário de (des)identidades sexuais / Moisés Lino e Silva,
Guillermo Vega Sanabria, organizadores. – Salvador : Edufba,
2023.
295 p.

ISBN: 978-65-5630-525-7

1. Minorias sexuais – Linguagem (Neologismos, gírias, etc.).
2. Minorias sexuais – Identidade. 3. Minorias sexuais – Livros de referência. I. Lino e Silva, Moisés. II. Vega Sanabria, Guillermo.

CDU – 305(038)

Elaborada por Geovana Soares Lira CRB-5: BA-001975/O

EDITORA FILIADA À:



EDUFBA Rua Barão de Jeremoabo, s/n – *Campus* de Ondina,
Salvador – Bahia CEP: 40170 115 / Tel: (71) 3283-6164
www.edufba.ufba.br / edufba@ufba.br

FLEXÍVEL

Maycon Lopes

A composição de grupos de dança é uma tradição na vida de jovens LGBT da periferia urbana do Brasil. Este verbete nasce de uma etnografia conduzida na cidade de Salvador, onde convivi com dezenas de adolescentes e jovens negros – cuja idade variava de 12 a 21 anos – estando, a maioria, na faixa dos 15 anos de idade. Muitos eram vinculados ou egressos de grupos de dança. Ao longo dos anos pesquisando esse segmento em camadas populares, observei que a participação e criação de grupos de dança assume um lugar relevante na construção de (des)identidades sexuais e de gênero.

A proeza em flexibilidade corporal que se verifica entre integrantes de algumas dessas equipes é um fenômeno que merece especial relevo e é a tal prática que estas linhas serão endereçadas. Diria mesmo que a formação de muitos desses grupos é mobilizada pelo interesse na flexibilidade, modo pelo qual designam uma prática que, sendo também capaz de perturbar alianças e gerar hostilidade entre eles, nos convoca a colocar o corpo no centro da experiência LGBT.

Comumente assinaladas pelo público leigo com o verbo “escalar”, as acrobacias em que esses jovens *flexíveis*¹ são mestres tornaram-se objeto

1 É possível que em outros contextos e cenas o termo “flexível” encontre-se associado à atividade sexual, seja conotando bissexualidade, seja como sinônimo da categoria versátil (sujeitos que praticam sexo anal insertivo e receptivo). Embora pareça considerável que as acepções diversas

da música *funk*. Presentes da região amazônica ao sudeste do Brasil – dado que testemunha a disseminação da flexibilidade pelo país –, essas canções não somente codificam como encorajam a performance de posturas que encontram ressonância na ginástica rítmica e no contorcionismo, modalidades ginásticas que requerem flexibilidade extrema. Essas atividades artísticas podem produzir um ambiente de sociabilidade lúdica convidativo à exploração e cultivo de movimentos corporais não normativos em termos de sexualidade e gênero. Esse aspecto é crucial para a compreensão da prática da flexibilidade enquanto vetor identitário e construção de pessoa, dimensão que mantém relação com os ritmos a que esses dançarinos se propõem a performar.

Na Bahia, os *flexíveis* dançam ao som do *funk* e do pagode baiano. Apesar de terem bases formadoras distintas, há pontos de contato significativos na experiência de fruição e consumo desses dois ritmos. Em eventos festivos, é coletivamente – em geral em pequenos grupos de pessoas do mesmo gênero – que se costuma dançar tanto *funk* quanto pagode baiano. Muitas letras, de ambos os ritmos, têm teor, quando não abertamente sexual, sexualmente sugestivo. Seus ritmos enérgicos e pulsantes, difundidos em volume alto, são frequentemente coreografados de acordo com o gênero dos dançarinos.

Em sua etnografia em bailes *funk*, a propósito, Mizrahi (2019) observa que nas danças performadas por mulheres, estas flexionavam os joelhos, colocando as mãos sobre estes, enquanto inclinavam o tronco para frente e jogavam os quadris para trás. Às vezes em posição de agachamento, elevavam e abaixavam a bunda. Os rapazes, por sua vez, faziam o movimento inverso, lançando os quadris não para trás, e sim para frente, destacando a região genital.

As descrições dos movimentos femininos oferecidas pela antropóloga integram a coreografia que observei entre os participantes da minha pesquisa – eles introduzem esses movimentos em um repertório gestual cuja tônica é a bunda e posturas como abertura de pernas. Este último, presente em diversas posições da flexibilidade, consiste em estender as pernas formando preferencialmente um ângulo de 180°, de modo a desenhar, com o auxílio delas, uma linha reta, quer horizontalmente – acoplando-se ao solo –, quer verticalmente – mantendo-as paralelas ao tronco. Combinada,

que o termo pode ganhar indíquem, também nesse ponto, uma situação de “abertura”, esses outros usos não serão englobados nesta análise.

amiúde, a movimentos pélvicos, tal abertura angular comunica sensualidade e feminilidade também em corpos “masculinos”. Os grupos de dança atuam como uma espécie de laboratório em que se experimenta a fabricação coletiva de gestos e coreografias.

A formação de vínculos mediante grupos, e a tarefa de mantê-los no dia a dia, é muitas vezes permeada pela competição e disputa com outras equipes, animando, assim, um circuito de rivalidade, não raro febril. O duelo de competências ginásticas é parte da prática da flexibilidade. Os jovens com quem trabalhei chamam esse combate de “afronte”, que pode irromper no espaço público sempre que um *gay* “flex” exhibe sua destreza cravando o olhar em outro *flexível*. A variar segundo a face empregada e quem é o *flexível* fitado (se amigo, se desconhecido ou mesmo um desafeto), aquelas posturas confiantes deixam de ser mero espetáculo ou exibição desinteressada, sendo convertidas em um ataque com alvo preciso. Alguém é então desafiado a assumir a posição de contendor e responder ao gesto arremessado, muitas vezes sob pena de terminar reputado entre os pares como covarde.

Como em outras tradições afrodiaspóricas, a exemplo da capoeira e do *breakdance*, é comum que em torno das performances flexíveis formem-se círculos de espectadores. Indício do interesse despertado pela flexibilidade, as rodas compreendem um ingrediente ativo nas performances *flexíveis*: o público que as compõem avalia o desempenho dos dançarinos; os estimula, vibrando por eles; e intervém, demandando-lhes posturas específicas. O *flexível* que tem o poder de “abrir roda”, isto é, de cercar-se de espectadores, atesta sua virtuosidade na flexibilidade.

A disputa característica à flexibilidade, assim como o repertório de movimentos, produz uma atmosfera fervilhante em torno dessa arte. Os gestos de execução rápida e intensa – giros, rotações, saltos – e os afrontes, corriqueiramente alçados ao clímax da prática, põem em relevo a natureza híbrida da flexibilidade. Isto é, sua qualidade de dança, mas também de jogo e esporte. Como já argumentado, o confronto de performances, quando não explicitamente visado, configura-se como uma possibilidade levada em consideração na formação de um *flexível*. Segue-se que essa cultura física demanda em seu praticante uma disposição particularmente ativa, que se faz notar na expressão superlativamente ereta do tronco e da cabeça e de um semblante grave e até belicoso. Essa atitude corporal informada pela bravura, ou, antes, a coragem como uma virtude moral cultivada e radicada em uma prática específica de corpo, contribui para imprimir uma estética de batalha na flexibilidade.

Para atuar no “mundo da dança”, como meus sujeitos etnográficos aludem a esse universo, na qualidade de *flexível*, querer não basta; para escalar é necessário habilitar o corpo a esse movimento. Embora haja níveis de empenho e envolvimento variáveis na arte da flexibilidade, é imperativo submeter-se a um treinamento fisicamente exigente para que se possa, de fato, participar dessa brincadeira séria. A preparação do corpo consiste, principalmente, em uma variedade de exercícios de “alongamento”, analisados em trabalho anterior. (LOPES, 2021) Embora a rivalidade integre a prática da flexibilidade, é em um colaborativo corpo a corpo que *gays* se tornam flexíveis. (LOPES, 2021) Quase todos os *gays* com quem me relacionei durante a pesquisa “foram alongados” por um dançarino mais proficiente, geralmente um amigo que se incumbem em instruir o novíço com técnicas de alongamento.

Algo que chama atenção na preparação do corpo flexível é a experiência da dor, que se mostra incontornável. Nos treinamentos aprende-se a experimentá-la como efeito e indício de correção do método de alongamento. Tornada rotineira, é fato que se deve procurar estabelecer uma relação com a dor – sensação por vezes ambivalente, que lhes pode provocar aflição e gozo. Para os muitos fins visados pelo alongamento, como tornar uma “frontal” (isto é, um espacate),² “colada” ou “zerada” (acoplada ao solo, ajustando-se ao alinhamento deste – princípio estético da flexibilidade), além de atraída, a dor deve ser suportada por um tempo.

Assim, o aspirante a *flexível* aprende desde cedo que para tornar-se hábil em executar movimentos fulminantes, que desafiam os limites ordinários do corpo (é comum o relato de “distensão” entre os *flexíveis*), é necessário resistir à dor – idealmente, até superá-la. Talvez seja esse o primeiro gesto de bravura advindo da prática da flexibilidade. A força originada por esses movimentos, mediante a exploração das possibilidades anatômicas do corpo, destina-se não só à formação da capacidade de superar desafios físicos, mas também outros constrangimentos presentes nas vidas dessas pessoas, tornando-se um aprendizado de superação de si.

Vejo, neste flanco, um diálogo com os achados de Moisés Lino e Silva (2022). A partir de uma etnografia na favela da Rocinha (Rio de Janeiro), onde também habitam grupos de jovens *queers flexíveis*, o autor argumenta, convincentemente, que o sentido de liberdade experimentado por aqueles

2 Posição que consiste em afastar as pernas uma da outra, de modo que, paralelas ao solo, formem um ângulo de 180°.

sujeitos – sem prejuízo analítico, considero que podemos conceber a superação de constrangimentos como um exercício de liberdade – encontra-se visceralmente localizado nas faculdades e performances corporais; no que pode um corpo.

Em meu campo, enquanto o neófito experimenta uma sorte de metamorfoses gestuais, ele é lembrado dos potenciais afrontes que a prática da flexibilidade lhe reserva, disputas para as quais convém empregar determinada atitude. A instrução remetida é expressa no mesmo ambiente de camaradagem que o incentiva a “segurar a dor”. Brinca-se de competir com os amigos, dança-se ao som de canções que remetem usualmente a relações contenciosas, escuta-se os *flexíveis* mais pródigos nessa arte – que advertem aqueles que estão provisoriamente sob sua batuta a respeito da importância de um rosto aguerrido.

Se não uma leitura de mundo como potencialmente conflituoso, os dados de minha pesquisa sugerem que a flexibilidade propõe ao jovem *gay* uma certa maneira de estar no mundo, incorporada mediante o duro trabalho corporal que se destina a formar um *flexível*. Esboçar uma feição beligerante enquanto se executa um movimento potente, que sujeita o *performer* à dor, resulta de um processo de aprendizado sensorial, de suportar o sofrimento físico. Por um lado, não sucumbir a este parece fundamental para sublimá-lo, dirigindo a atenção e assumindo como mais relevante para o curso da ação o adversário em cena; por outro, o aspecto beligerante, inclusive com que se convoca e responde ao adversário, sintoniza-se com o vigor depreendido para o cumprimento de certos movimentos, e mesmo para a dor que esses lhes podem provocar.

Outro modo corrente de exercer algum controle sobre a dor é aquecendo o corpo e aprendendo a reconhecer sua temperatura interna. O aquecimento visa evitar ou, melhor dito, controlar o grau da dor. Os *flexíveis* possuem uma expressão para designar a condição mais favorável para o desempenho de suas performances: estar de “sangue quente”. Afirmar que o sangue está quente é declarar seu estado de prontidão física para a flexibilidade; como se vê, uma prática ricamente sensorial, para a qual o fluxo metabólico importa.

Não é somente o semblante bravo que é bem-vindo para fornecer a face da prática da flexibilidade. A apresentação de um rosto *blasé*,³ em irônico contraste com o esforço físico que a flexibilidade impõe, soa provocativo,

3 Meus interlocutores aludem a essa *atitude* como “*tumblr*” e “*deboche*”.

desafiando o oponente na medida em que empresta ao *performer* ares de superioridade. Há, do rosto mais explicitamente combativo ao desprezo diante daqueles a que se atribui um estatuto inferior, diferentes versões e matizes de uma atitude corporal altiva, cuja adesão aponta para a face como sede por excelência de disposições e transações afetivas.

Esse caráter afirmativo – radicado, particularmente entre os *gays flexíveis*, também em seus músculos e tendões –, faz eco ao “carão”, tão presente na constelação de sociabilidades LGBT. O carão combina uma atitude esnobe com *glamour* e poder, marcando certa postura no encontro com o outro. Sob outra perspectiva, a flexibilidade se insinua como um atalho interessante para pensar a “fechação”, que, guardando também relação com um ímpeto autoafirmativo, é elevada, na prática, a qualificador de um bom desempenho. “Fechar” ou “dar close” tem a ver com se destacar, com chamar atenção para si. Também entre os praticantes da flexibilidade, “abrir roda” se faz por meio de maneiras extravagantes – senão de um comportamento exageradamente feminino.

Assim, aprendemos com a performance enérgica dos *flexíveis* que a chave para a compreensão da fechação – efeito categórico na flexibilidade –, repousaria sobre o corpo, notadamente sobre a articulação íntima entre corpo e gênero. Este vínculo deixa antever como o movimento se oferece para os *flexíveis* enquanto recurso para o investimento deliberado em feminilidade. Desse modo, a flexibilidade disponibiliza uma rota de aprendizagem para que *gays* da periferia se apresentem de modo distintivamente atrevido e imponente.

A flexibilidade revela ainda como identidades se conjugam a estilos de movimento; no caso, na qualidade de expressão da rotinização da bravura como modo apropriado de se apresentar e de agir no mundo. Em suma, nos diz algo sobre a coragem como uma inclinação encarnada e enquanto valor ético. Concluo, nessa direção, que a fisicalidade sob exame promove a bravura como uma disposição simultaneamente corporal e moral – formação duradoura que pode se prolongar em domínios outros, ressoando para além dessa experiência recreativa.

REFERÊNCIAS

- LINO E SILVA, M. *Minoritarian Liberalism: a travesti life in a Brazilian favela*. Chicago: University of Chicago Press, 2022.

LOPES, M. Learning body techniques: dance and body flexibility among gay black teens in Salvador de Bahia, Brazil. *Social Sciences*, [Basel], v. 10, n. 2, p. 72-91, 2021. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-0760/10/2/72>. Acesso em: 28 maio 2021.

MIZRAHI, M. *Figurino funk: roupa, corpo e dança em um baile carioca*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.